

Os livros didáticos e o ensino de História da Educação¹

The school text books and the teaching of History of Education

Gabriela OSSENBACH²

Resumo

Com o objetivo de apresentar diferentes possibilidades de uso dos livros didáticos no ensino de História da Educação, explicam-se alguns obstáculos e certas premissas consideradas importantes. Para tanto, o artigo foi dividido em três partes. A primeira trata das possibilidades de combinar a investigação e o ensino e de integrar a história da cultura escolar ao ensino de História da Educação. A segunda expõe distintas aproximações possíveis para usar o livro didático como objeto de ensino. A terceira é dedicada às formas de acesso aos livros didáticos.

Palavras-chave: Livros Didáticos. Metodologias de Ensino. História da Educação.

Abstract

With the aim to present different possibilities of using text books as a teaching resource for History of Education, some obstacles and some important premises are addressed. There fore, the article is divided in three parts. The first one deals with the possibility of combining research and teaching as well as integrating the history of the school culture in the teaching of History of Education. The second part shows different et possible approaches for using text books as a teaching object. The third one is dedicated to the way of accessing text books.

Keywords: Textbooks. Teaching methodologies. History of Education.

-
- 1 Parte considerável das reflexões do presente texto provém de um trabalho coletivo realizado no Centro de Investigación MANES para o portal *History on Line*, desenvolvido dentro de um projeto do programa europeu *Lifelong Learning Programme 2007-2013*. Cf. Badanelli et al. (2009). Foi apresentado originalmente em espanhol, em 2009, na série *Cuadernos de Historia de la Educación* (Sociedade Espanhola de História da Educação), n. 6. O texto foi ligeiramente adaptado para a edição em português, a pedido da autora. Tradução para o português por Kênia Hilda Moreira (UFGD).
 - 2 Doutora em Ciências da Educação, professora do Departamento de História da Educação e Educação Comparada na Universidad Nacional de Educación a Distancia (UNED), em Madri. Presidente da Sociedade Espanhola de História da Educação e diretora do Centro de Investigación MANES (Manuales Escolares), da UNED. End.: Rua Juan Del Rosal, 14, Madrid, Espanha, CEP 28040. Tel.: (0034) 913986988. Email: <gossenbach@edu.uned.es>.

R. Educ. Públ.	Cuiabá	v. 25	n. 60	p. 787-798	set./dez. 2016
----------------	--------	-------	-------	------------	----------------

1 Introdução

Ainda que à primeira vista os livros didáticos possam parecer objetos simples, ligados estritamente a vivências e lembranças infantis, na realidade, são um dos elementos centrais da cultura escolar contemporânea. Convertê-los em objeto de ensino oferece muitas possibilidades para conhecer aspectos fundamentais da História da Educação, tais como as regulamentações que o Estado impõe à escola, as diversas intervenções que determinam os conteúdos do ensino, ou as teorias pedagógicas, imaginários e correntes ideológicas que pretendem impor-se ao ensino. Por meio do estudo histórico dos textos escolares, é possível compreender as incessantes mudanças e descontinuidades dos discursos e práticas educativas, e alcançar os objetivos que atribuímos em geral ao ensino da História da Educação: que os educadores sejam capazes

[...] de sentir os desafios do tempo presente, de pensar sobre sua ação nas continuidades e mudanças do que fazer pedagógico, de participar criticamente na construção de uma escola mais atenta às realidades dos diversos grupos sociais (NÓVOA, 1994, p.5 apud VIÑAO FRAGO, 1997, p. 25).

A História da Educação que se ensina hoje em dia nas Universidades evoluiu muito, na medida em que se produziram avanços e abriram novas perspectivas, temas e enfoques de investigação. A manualística escolar, da qual trataremos aqui, é um exemplo desses emergentes objetos de investigação capazes de renovar o ensino da nossa disciplina. Nas páginas seguintes sinalizaremos distintas aproximações possíveis em torno do uso dos livros didáticos no ensino de História da Educação, ainda que previamente nos referiremos a alguns obstáculos e certas premissas que consideramos necessário discutir antes de abordar o assunto.

2 Duas reflexões prévias

2.1 Sobre as possibilidades de combinar a investigação e o ensino de História da Educação

Os livros didáticos converteram-se em uma fonte de investigação privilegiada nas últimas décadas, da mesma forma que a produção de trabalhos que abordam os textos escolares por diferentes perspectivas tem crescido enormemente durante

todo esse tempo, não só na Espanha, mas em contexto internacional³. Todo esse conjunto de investigações, que veio a configurar a chamada manualística escolar, termo cunhado por Agustín Escolano para denominar um campo emergente de investigação dentro da História da Educação, manteve-se, no entanto, relativamente ausente da docência universitária da nossa disciplina.

Abordar as possibilidades de utilizar a manualística escolar como recurso ou objeto de ensino, leva-nos, pois, a expor o problema das possibilidades que nosso sistema universitário nos oferece de combinar a investigação e a docência. Mais além de utilizar livros didáticos e manuais para *ilustrar* uma aula de História da Educação, com o objetivo de tornar mais ameno e motivador o ensino, o que desejamos propor é a possibilidade de converter a manualística escolar em objeto específico de ensino dirigido aos estudantes das graduações vinculadas às Faculdades de Educação.

No sistema universitário espanhol, é muito difícil realizar uma combinação entre ensino e pesquisa, devido à tradicional organização da atividade docente em torno das matérias.

Uma matéria pretende reunir ou sistematizar os conhecimentos e saberes em unidades que incluem o conteúdo completo de determinada matéria, com caráter estável e vontade de permanência, ocupando um lugar em um plano de estudos desenhado a partir da ideia de que o conhecimento científico pode-se apressar e distribuir de modo fragmentário mas com caráter fixo. A matéria está na base da organização didática dos ensinamentos universitários e de sua transmissão aos estudantes, nos planos de estudos, e dota-se de um programa oficial. [...] Está igualmente na base das aulas que se compartilham, nas que o professor realiza uma ‘aula magistral’, ou seja, um monólogo perante os alunos, que pretende resumir ‘toda a matéria’. O conteúdo da matéria se transfere aos alunos pelos ‘apontamentos’, às vezes pelo ditado, que costumam formar o núcleo da matéria submetida à avaliação, o qual, por sua vez, consiste em devolver por escrito o que se reteve das explicações e ou ‘apontamentos’ [...] (ABELLÁN, 2009, p. 244, grifos do autor).

3 Uma ampla bibliografia de trabalhos sobre livros didáticos, classificada por países, pode ser encontrada no arquivo BIBLIOMANES, acessível pela página web do centro de investigação MANES da UNED: <http://www.centroman.es/?page_id=451>.

É certo que nos últimos tempos muitos docentes de História da Educação têm idealizado estratégias para superar a rigidez dos programas da disciplina⁴; e que existe uma grande liberdade para estruturar os programas de ensino de maneira que seja permitido aproximar os novos temas de investigação dos alunos, mas, em geral, a investigação e a docência continuam bastante desconectadas em nosso sistema universitário e em nossa disciplina em particular. Os novos espaços destinados ao trabalho autônomo dos estudantes de graduação, previstos nas diretrizes para a criação do Espaço Europeu de Educação Superior (Processo de Bolonha⁵), ou os estudos oficiais de Mestrado, poderiam oferecer novas possibilidades para que alguns dos novos temas de investigação em nosso campo se convertessem, por si mesmos, em objeto de docência. Entretanto, a longa tradição do nosso sistema universitário, tão alheia ao seminário ou ao trabalho orientado, existentes em outros sistemas universitários de nosso entorno – nos que se trabalha monograficamente em torno de temas pontuais de investigação, colocará, sem dúvida, ainda muitos obstáculos para que essas novas formas de ensino se instalem entre nós, primando, acima de tudo, pela maturidade e pela independência intelectual do estudante. Ainda que

efetivamente, alguns dos elementos associados ao conceito de matéria durante décadas já não estejam presentes no ensino universitário, [...] a matéria e a luta por elas segue sendo, também na elaboração dos novos planos de estudo iniciada com o Processo de Bolonha, o critério central da organização das titulações e da docência. (ABELLÁN, 2009, p. 245).

-
- 4 Nesse sentido, são muito louváveis os esforços que fazem a Sociedade Espanhola de História da Educação para promover a discussão sobre a docência da História da Educação na formação de docentes, assim como a publicação dos *Cuadernos de Historia de la Educacion*, nos quais se tem publicado bastante trabalhos sobre experiências com o uso de várias fontes e documentos históricos, fotografias, testemunhos orais, etc. no ensino. Cf. *Cuadernos* n. 1 (*Recursos didáticos, história oral e museus pedagógicos*, 2002); n. 2 (*A docência da História da Educação, relatos e debates*, 2004) e n. 4 (*História da Educação Social e seu ensino*, 2008).
- 5 N.T: Processo de Bolonha refere-se a uma declaração assinada em 1999 por 29 ministros da educação da União Europeia, cujo objetivo foi promover mudanças comuns nas políticas de ensino superior europeu e criar um *Espaço Europeu de Ensino Superior*. Para informações mais detalhadas, pode-se consultar: A declaração: <http://www.ond.vlaanderen.be/hogeronderwijs/bologna/links/language/1999_Bologna_Declaration_Portuguese.pdf>. De outros estudos, Lima, Azevedo e Catani (2008). Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/aval/v13n1/a02v13n1.pdf>>. Acesso em: 27 fev. 2016.

2.2 Integrar a história da cultura escolar no ensino de História da Educação

O ensino de História da Educação via livros didáticos implicaria, por outra parte, assumir um novo enfoque da disciplina por uma nova história cultural e a chamada *cultura da escola*, que concebe a instituição escolar não só como produto das regulações externas a ela, mas também como uma construção social que se produz por si mesma e transmite determinadas pautas culturais, gera produtos específicos e certas tradições próprias que exercem resistências às reformas geradas fora da escola. Os textos escolares, que são um dos produtos específicos mais característicos da instituição escolar, se converteram, com a raiz dessa revolução historiográfica, em um objeto de estudo de grande interesse.

É necessário advertir, portanto, que se na docência da História da Educação prima um enfoque vinculado com a história política, ou com uma história social que não tenha em conta o que alguns historiadores têm chamado a *caixa preta* da escola, quer dizer, o que acontece na vida cotidiana da sala de aula (a escola como microcosmos), corremos o risco de transmitir uma visão dos textos escolares como mero reflexo de influências externas, seja de tipo ideológico ou científico (a chamada transposição didática), sem ter em conta que os manuais e livros didáticos são, apesar de ditas influências, um produto específico da cultura escolar; que comporta códigos ou padrões, regras, rotinas e hábitos *sui generis*.

3 Distintas aproximações aos manuais para o ensino da História da Educação

A investigação histórica em torno dos manuais e livros didáticos tem produzido um importante *corpus* de conhecimentos que nos permite propor enfoques diversos para seu uso como objeto de ensino. Em seguida, enumeraremos algumas das perspectivas de análises mais recorrentes na investigação, que são suscetíveis de se converterem em outras tantas formas de ensinar História da Educação por meios dos livros e manuais escolares.

O tipo de análise mais generalizado que se leva a cabo ao estudar os textos escolares se refere às influências ideológicas a que tem sido objeto, primando-se, portanto, o método da análise de conteúdo. Como produto da sociedade que os cria, os textos escolares oferecem um material muito rico para a análise das diferentes concepções sociais e políticas que influenciaram na sua elaboração. Ao ter que responder a um currículo nacional estatalmente estabelecido (currículo prescrito), ficaram modeladas

neles as diferentes ideologias e correntes de pensamento que aconteceram no curso histórico, embora, sobretudo, contenha as expressões mais perfiladas das ideias dominantes em cada época ou momento. Não constituem uma *descrição* nem um registro *fotográfico* dessa sociedade e cultura, mas expressam bem um conjunto de interpretações e de posicionamentos que expressa visões subjetivas do mundo social, suscetíveis, por sua vez, de serem analisadas para tratar de compreender a história escolar e os processos de transmissão cultural.

Um capítulo especial dentro desse tipo de análise de conteúdos constitui-se, entre outros, pelos estudos de gênero e os relativos às diferenças étnicas e sociais, já que os textos escolares foram potentes instrumentos para a definição de pautas sociais, assim como para a criação de toda a classe de estereótipos. Para além dos estudos dos conteúdos, esses temas exigem a análise de distintos tipos de discursos e linguagem (incluindo a linguagem iconográfica), assim como a preocupação de decifrar o chamado currículo oculto, para desmascarar intenções ou valores não explícitos nos textos.

Por outra parte, tendo em conta que os livros escolares têm sido historicamente produtos culturais sujeitos a regulações políticas e religiosas, por obrigação de responder a processos de autorização e censura, seu estudo resulta de grande utilidade para conhecer os mecanismos mediante aos quais os distintos poderes têm pretendido controlar os processos de aculturação e socialização das sociedades. Contamos já com recopilações bastante completas da legislação e das disposições oficiais que têm regulado a edição e o uso dos textos escolares na Espanha, as quais podem resultar muito úteis como recurso complementar para a docência com os livros escolares⁶.

Em todos os conteúdos relacionados com a transmissão de valores, ideologias e estereótipos por meio dos livros didáticos, é preciso advertir aos estudantes, no entanto, sobre as necessárias precauções que devem ter na hora de interpretar o alcance da influência que exerceram determinados conteúdos e linguagens. O rigor metodológico exige que se verifique, por diferentes indicadores, o uso efetivo que se deu aos textos escolares objetos de análise (mediante a indagação sobre o número de edições, os rastros de usos, ou outros indícios sobre sua difusão no âmbito escolar), assim como as possíveis mediações que se produziram entre o livro escolar e seus receptores (os cadernos escolares, como dispositivos nos quais se concretizam os ensinamentos recebidos em sala de aula, são uma fonte que oferece muitas possibilidades para conhecer os processos de intermediação entre o texto escolar e o aluno que aprende).

Outro amplo campo de investigação relacionado com os textos escolares é o da história das disciplinas escolares, enquanto os livros de texto ocupam um

6 Cf. Villalaín (1997, 1999, 2002).

papel fundamental na configuração das disciplinas e de seus respectivos códigos⁷. A escola não se limita a reproduzir o saber que está fora dela, mas o adapta e o transforma, criando um saber e uma cultura próprios. O processo mediante o qual os saberes gerados fora da escola se convertem em disciplinas escolares denomina-se transposição didática. A sistematização e o sequenciamento de ditos saberes por escrito em um programa e em um livro didático constituem o ponto fundacional de uma disciplina. É nesse sentido que as disciplinas escolares podem conceber-se como um *trânsito* a partir dos espaços sociais de um determinado conhecimento ou saber ao *espaço social da escola*. Um trânsito que, ao converter o dito conhecimento em *uma questão de aprendizagem escolar*, implica uma mudança na ordenação mental do mesmo a fim de adaptar-se às exigências do horário escolar, às concepções sobre a infância; e às convenções e rotinas do ensino que impõem tal conhecimento em um currículo escolar. Surge, assim, o chamado código disciplinar, quer dizer, uma série de regras ou pautas que se impõem com caráter geral dentro de uma determinada disciplina e transmitem-se de uma geração a outra. Inclusive um corpo de conteúdos dispostos com uma ordem, um método e uma extensão determinada em forma de temas, questões, unidades didáticas ou outros agrupamentos semelhantes. Além disso, o código disciplinar implica um discurso sobre o valor formativo e a utilidade de ditos conteúdos, bem como em práticas profissionais vinculadas a sua transmissão em um âmbito escolar.

Outro aspecto suscetível de ser estudado por meio dos textos escolares, e que está relacionado com o processo de transposição didática, diz respeito às resistências ou atrasos que se produzem na apropriação dos avanços científicos na cultura da escola. Igualmente, livros didáticos permitem estudar os processos de especialização disciplinar que vêm sendo produzidos historicamente a partir da fragmentação do conhecimento enciclopédico da escola tradicional.

Muito relacionado com o anterior, existe outro interessante âmbito de investigação que leva em conta que os livros didáticos, como suporte das disciplinas escolares, colocam em jogo um papel fundamental ao estabelecer o cânon que rege o credenciamento dos saberes escolares e definir o conteúdo e o espaço acadêmico da profissionalização dos docentes.

Os livros escolares podem contemplar-se também como um suporte de teorias pedagógicas, que se registram em forma de diferentes métodos, gêneros textuais, concepções de aprendizagem, inovações, etc. Nesse sentido, os livros didáticos são uma fonte imprescindível para a história da didática. O uso de imagens, gráficos e outros recursos visuais é outra estratégia que os textos escolares utilizam como meio

7 Para o tema das disciplinas escolares, nos apoiamos nos trabalhos de Viñao (2006a; 2006b).

e método para o ensino, de maneira que a análise da linguagem icônica se converte em outro grande âmbito de investigação dentro da manualística escolar.

Finalmente, os textos escolares podem ser estudados como dispositivos com características materiais específicas (formatos gráficos, padrões expressivos e comunicativos) que respondem a leis, padrões e critérios implícitos de controle da vida em sala de aula, que se foram sistematizando e estereotipando ao longo do processo de institucionalização dos sistemas públicos de ensino, e que se estenderam, ao menos por todo o mundo ocidental, em forma de tendências pedagógicas transnacionais⁸. A partir dessa perspectiva, os livros didáticos podem converter-se em objeto de um estudo comparativo, com as vantagens que implica pelo seu potencial explicativo e não só descritivo. Por sua vez, esse enfoque transnacional oferece muitas possibilidades formativas para os estudantes, ao contribuir para descentrar as perspectivas de análises e para compreender melhor os próprios contextos em um mundo cada vez mais global.

As características materiais dos livros didáticos também podem interpretar-se desde os condicionamentos do desenvolvimento técnico, dos fatores econômicos e, inclusive, dos padrões estéticos e de desenho variáveis segundo as épocas. Não deve desconsiderar-se também o estudo dos textos escolares como um produto empresarial e comercial, o que implica, sobretudo, o estudo das editoras pelas mais diversas perspectivas⁹.

4 O acesso aos livros didáticos

O incremento das investigações em torno dos livros escolares não só produziram uma abundante bibliografia, mas também se constituiu em importantes coleções de livros didáticos e levaram a cabo processos de identificação e catalogação em bases de dados, que facilitam o acesso às fontes tanto para a investigação como para seu uso na docência. Por outra parte, os livros escolares também estão sendo objeto de políticas de digitalização, facilitando sua consulta via bibliotecas virtuais, especialmente úteis como recurso para o ensino em sala de aula.

8 Sobre os livros didáticos como dispositivos com características transnacionais (como *objetos planetários*) conferir o interessante artigo de Choppin (2008).

9 Contamos já com alguns estudos sobre editoras de livros didáticos, entre eles os de Botrel (1993) e Ruiz Berrio, Martínez Navarro, Colmenar e Carreño (2002).

4.1 Livros didáticos em bibliotecas públicas e coleções particulares

Os livros didáticos são um tipo de literatura *menor* que não mereceram, muitas vezes, a mesma consideração que outros livros na hora de serem guardados e catalogados nas bibliotecas públicas, nas próprias escolas ou nas bibliotecas familiares. Para muitos investigadores, a localização desse tipo de fonte pressupõe, com frequência, uma verdadeira peripécia. A Biblioteca Nacional e outras bibliotecas regionais, ao longo de toda Espanha, contêm abundantes textos escolares, ainda que sua identificação como obras destinadas ao ensino nem sempre seja evidente nas fichas de catalogação, circunstância que dificulta frequentemente o trabalho de localização por parte dos investigadores.

Resulta mais simples o acesso a esse tipo de obras em uma série de instituições e fundos especializados, como o Centro Internacional para a Cultura Escolar (CEINCE), de Berlanga de Duero (Soria); o fundo MANES, da Biblioteca Central da Universidade de Educação à Distância (UNED), em Madrid; o Centro de Documentação da Residência de Estudantes de Madri, que abriga os fundos do antigo Museu Pedagógico Nacional. Outras coleções importantes de livros didáticos foram se constituindo nos museus pedagógicos, já abundantes em distintas comunidades espanholas, tais como o Museu Pedagógico de Galícia (Santiago de Compostela), o Museu Pedagógico de Aragón (Huesca), o Centro de Recursos, Interpretação e Estudos da Escola de Polanco (Cantabria); ou o Museu de História da Educação Manuel Bartolomé Cossío, da Universidade Complutense de Madri (Faculdade de Educação), para citar apenas alguns. Por outro lado, muitas bibliotecas escolares e de institutos de ensino secundário, sobretudo dos centros que contam com uma vasta trajetória histórica, conservam numerosos exemplares de livros didáticos. Além disso, são abundantes as coleções particulares de livros didáticos criadas nas últimas décadas, as quais habitualmente se colocam à disposição dos investigadores.

No âmbito europeu, a situação é bastante similar à Espanha no que se refere às grandes bibliotecas públicas, aos museus pedagógicos e às bibliotecas escolares. É necessário destacar, no entanto, como biblioteca especializada particularmente importante, a de Georg-Eckert Institut für Internationale Schulbuch for schung, de Braunschweig (Alemanha). Esse Instituto foi criado depois da Segunda Guerra Mundial com a intenção de contribuir para a paz por meio da eliminação de preconceitos e falsas imagens em torno das diversas nações nos livros didáticos, bem como no ensino da História e da Geografia em geral. Ao longo de meio século, o Instituto Georg-Eckert criou uma grande biblioteca de textos escolares de todo o mundo, mas especialmente europeus.

4.2 Bibliotecas virtuais de livros didáticos

As políticas de digitalização de livros e documentos históricos também têm alcançado os livros didáticos, de maneira que cada vez mais é possível localizá-los e lê-los pela internet. O gigante Google (Books.Google) já inclui uma boa quantidade de livros escolares entre sua enorme biblioteca virtual¹⁰, e o mesmo acontece com outros grandes sítios dedicados a oferecer o mundo dos livros em formato digital. Como exemplo, a Biblioteca Virtual de Patrimônio Bibliográfico, pertencente ao Ministério da Cultura da Espanha, com uma seção denominada *Bibliotecas Escolares Históricas*, que inclui livros didáticos para o ensino secundário em formato digital¹¹.

Como bibliotecas virtuais especializadas em livros escolares na Espanha, podemos citar o Centro de Investigações MANES da UNED, que tem criado algumas bibliotecas virtuais em seu sítio WEB¹². Alguns museus pedagógicos espanhóis digitalizaram também livros escolares em suas páginas WEB. Em outros países, citamos como exemplo, entre outros tantos, a biblioteca digital do Georg-Eckert Institut de Alemanha (*GEI-Digital*)¹³, o sítio denominado *19th Century School books*, dos Estados Unidos¹⁴, ou o catálogo e biblioteca digital da Biblioteca Nacional de Maestros de Buenos Aires¹⁵.

4.3 Bases de dados de livros didáticos

Finalmente, um recurso útil para a identificação e localização dos livros didáticos são as bases de dados acessíveis pela Internet. Trata-se de grandes catálogos em que se reuniu a produção de livros escolares de determinados países nos últimos séculos, com seus dados bibliográficos, outros dados relativos ao uso escolar (nível de ensino, curso, disciplina, etc) assim como, em alguns casos, informação sobre a localização física de cada livro em determinadas bibliotecas

10 Disponível em: <www.books.google.com>

11 Disponível em: <<http://bvpb.mcu.es/institutos/es/micrositios/inicio.cmd>>.

12 Disponível em: <<http://www.centroman.es>>.

13 Disponível em: <<http://gei-digital.gei.de/viewer/>>.

14 Disponível em: <<http://digital.library.pitt.edu/nietz/>>.

15 Disponível em: <<http://www.bnm.me.gov.ar/catalogo/>>.

ou coleções. As bases de dados EMMANUELLE (França)¹⁶, MANES (Espanha, Portugal, Bélgica e América Latina)¹⁷, EDISCO (Itália)¹⁸ ou LIVRES (Brasil)¹⁹ são alguns exemplos desse tipo de bases de dados. Os catálogos das bibliotecas CEINCE, de Berlanga de Duero (Soria)²⁰, ou do Georg-Eckert Institut für International e Schulbuch for schung, da Alemanha²¹, são também uma boa fonte para acessar a informação sobre a produção de livros escolares em determinados países e contextos.

Referências

ABELLÁN, J. La Universidad ¿para qué? Una reflexión en tiempos de mudanza. In: CAMUÑAS, Ignacio (Ed.). **España. El final de una época. Informe del Foro de La Sociedad Civil**. Madrid: Libros Libres, p. 231-248, 2009.

BADANELLI, A. et al. **Studying History On Line. Section: School Text books**, 2009.

BOTREL, J-F. Nacimiento y auge de una editorial escolar: la Casa Hernando de Madrid (1828-1902). In: **Libros, Prensa y Lectura en la España del siglo XIX**. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 1993. p. 385-470.

CHOPPIN, A. Le manuel scolaire, une fausse évidence historique. **Histoire de l'éducation**, n. 117, p. 7-56, 2008.

NÓVOA, A. **História da Educação**. Lisboa: Universidade de Lisboa, 1994.

RUIZ BERRIO, J., MARTÍNEZ NAVARRO, A., COLMENAR, C., CARREÑO, M. **La editorial Calleja, un agente de modernización educativa en la Restauración**, Madrid: UNED, serie Proyecto MANES, 2002.

VILLALALÁIN, J. L. **Manuales escolares en España**. Tomo I. Legislación (1812-1939). Madrid: UNED, 1997.

16 Disponível em: <<http://rhe.ish-lyon.cnrs.fr/?q=emmanuelle>>.

17 Disponível em: <<http://servidormanes.uned.es/manes/consulta.html>>.

18 Disponível em: <<http://piemonte.di.unito.it/edisco/Controller>>.

19 Disponível em: <<http://www2.fe.usp.br:8080/livres/>>.

20 Disponível em: <<http://ceince.eu/catalogo.php>>.

21 Disponível em: <<http://bibliothek.gei.de/bibliothek.html>>.

_____. **Manuales escolares en España.** Tomo II. Libros de texto autorizados y censurados (1833-1874). Madrid: UNED, 1999.

_____. **Manuales escolares en España.** Tomo III. Libros de texto autorizados y censurados (1874-1939). Madrid: UNED, 2002.

VIÑAO FRAGO, A. De la importancia y utilidad de la historia de la educacion (o la responsabilidad moral del historiador). In: GABRIEL, N., VIÑAO FRAGO, A. (Org.). **La investigación histórico-educativa. Tendencias actuales.** Barcelona: Ed Ronsel, 1997.

_____. El libro de texto y las disciplinas escolares: una mirada a sus orígenes. In: ESCOLANO, A. (Org.). **Currículum editado y sociedad del conocimiento. Texto, multimedialidad y cultura de la escuela.** Valencia: Tirant lo Blanch, p. 109-140, 2006a.

_____. La historia de las disciplinas escolares. **Historia de la Educación. Revista Interuniversitaria.** Salamanca, n. 25, p. 243-269, 2006b.

Recebimento em: 07/03/2016.

Aceite em: 30/03/2016.